

B 269-105  
R-497  
15-9-81

Florianopolis

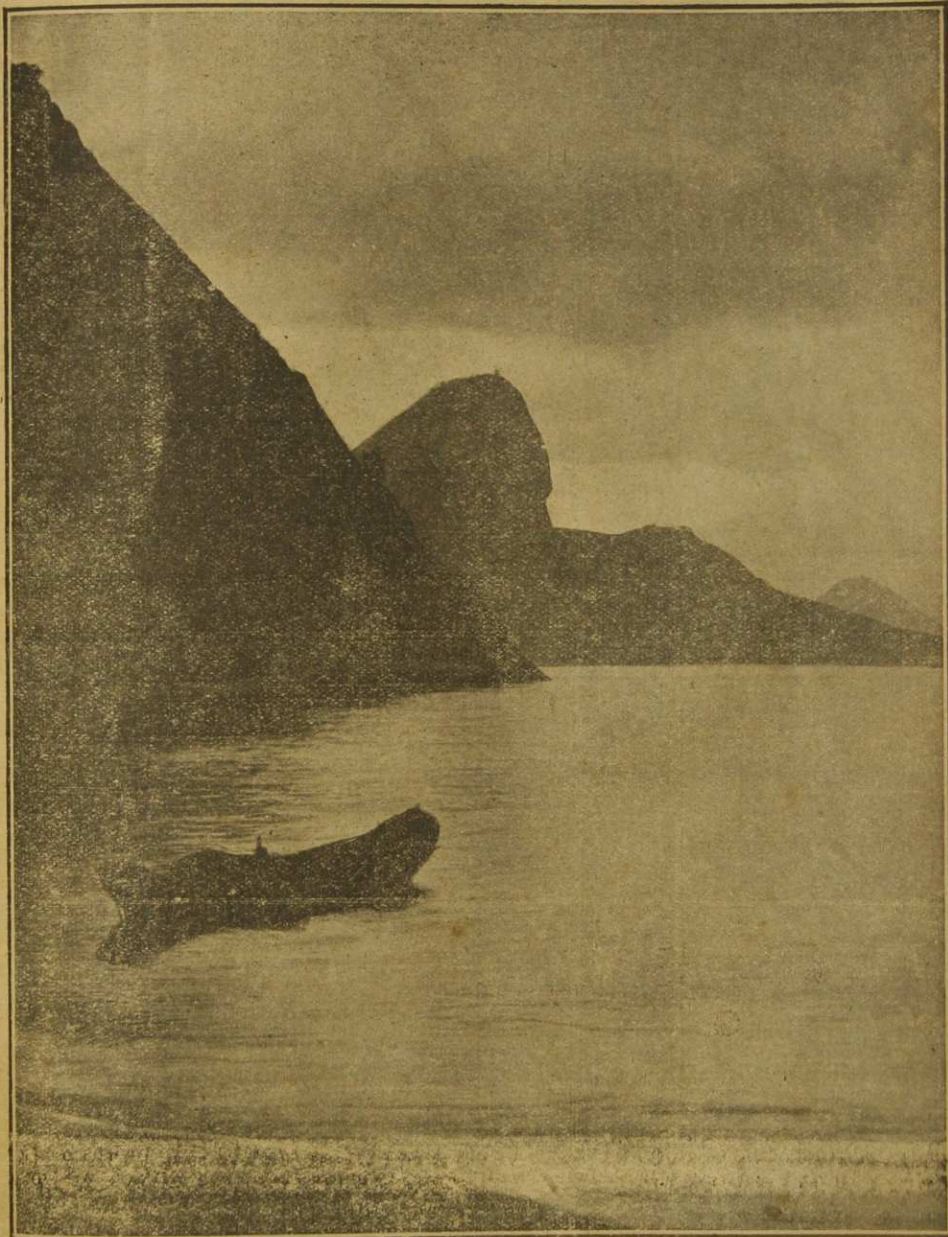
Santa Catharina

OUTUBRO  
MCMXX

# TERRA

ANNO I  
NUMERO 16

— Revista semanal —



PAISAGEM BRASILEIRA



# ◆ Terra ◆

Publicada sob a direcção e responsabilidade de

*Othon d'Eça*  
*Altino Flores*  
*Ivo d'Aquino*

Secretario:

*Oswaldo Mello*

—«0»—

Toda e qualquer correspondencia deve ser endereçada a:

REDACÇÃO DA

## TERRA

Rua Visconde de  
Couro Preto  
No. 1

—«0»—

Officinas graphic's

DA

'Republica,'

Rua João Pinto  
n. 16

Acceptamos collaboração de qualquer parte do Estado e de fóra, desde que não seja longa, nem escripta em orthographia phonetica.

Das correspondencias dos municipios, que nos quiserem enviar, reservamos o direito de aproveita-las no que acharmos interessante.

Publicaremos reclamações em cartas, desde que sejam breves, assignadas e em termos convenientes.

Não temos «Secção Livre».

### Assignaturas

Anno . . . . .	10\$000
Semestre . . . . .	5\$ 00
Numero avulso . . . . .	200 rs.

### ANNUNCIO

	1 pagina	1/2 pagina	1/4 de pagina
12 vezes	480\$000	250\$000	145\$000
8 »	325\$000	170\$000	90\$000
4 »	165\$000	90\$000	50\$000
2 »	85\$000	45\$000	25\$000



# Terra



— REVISTA SEMANAL CATHARINENSE —

## A imigração japonesa

Segundo os mais recentes jornais do Rio, estão a partir do Imperio do Sol, com destino á terrana republica do Brasil, quinze mil familias japonesas, num total de quarenta mil pessoas!

E' a mais exotica inundaçãõ de gente que o pais vae soffrer.

As suas consequencias serão fatais e inevitaveis.

Ao invés de nos trazerem beneficos, esses japoneses nos vão encher dos piolhos das contrariedades e dos apertos dos embrulhos.

Estheticamente, essas creaturas são detestaveis e cruéis.

O Brasileiro não é ainda um typo que, pela sua estrutura physica e pela sua apparencia, constitua um perfeito especime humano.

Neste ponto andamos lamentavelmente em lucta com as paizagens.

Como é, então, que vamos importar uma raça inesthetica, feissima, que mais medonha tornará, si por ventura connosco se cruzar, a nossa população brasileira?

Si para o misero zebú criámos decretos prohibitivos, afim de não vir elle estragar, com o seu cocurúto, a belleza das nossas manadas vaccuns, porque não tolhermos os passos das gentes japonesas, que nos virão deformar ainda mais a esthetica humana?

Isto é apenas uma questãõ de gosto e Arte.

E as questões de gosto e Arte, no Brasil, não merecem um pingõ de attentãõ.

Mas ha outra questãõ que, não sendo de belleza e sabor, é, todavia, de segurança nacional.

Si nós temos sentido difficuldades em nacionalizar os descendentes de allemães, italianos, franceses *et cetera*, imaginem qual não será o nosso trabalho para impôr aos netos do Sol Nascentes, o hymno nacional com a metrica em solavancos do sr. Osorio Duque Estrada?

Não se faz mister largas e vastas considerações acerca dos perigos que nos aguardam.

São de hontem e de hoje os incidentes nipponico-americanos, e que têm sacudido o sossêgo da America do Norte.

Nós não temos para fazer valer leis que forem creadas, no caso de *imbroglios* japoneses, como os norte-americanos, grandes esquadras e grandes exercitos.

Um decreto de nacionalizaçãõ que vá entornar a tigella d'arroz dos colonos amarelllos, encontrará, fatalmente, da parte destes, resistencias incalculaveis.

E não é só isto.

Sabe-se que o trabalhador japonês se contenta com qualquer salario.

Paciente, resignado, fatalista por via de sua religião, tudo lhe corre bem, mesmo que o arroz seja curto e o trabalho muito comprido.

Como é natural, o seu braço será o unico procurado, por offerrecer maiores vantagens economicas aos patrões.

E, devido á concurrencia depreciadora, por elle feita ao braço nacional, teremos grandes e graves crises proletarias, quiçá grandes revoltas dos sem trabalho, iguais ás motivadas nos Estados Unidos pelos *coolies* chins, que virão perturbar a vida brasileira, arrastando-a a precipicios que só Deus sabe e os nossos homens ignoram.

E apparecerão as notas diplomaticas, as imposições, os incommodos que seriam evitados si os nossos dirigentes, mais cuidadosos, fizessem uma severa prophylaxia nas raças que nos procuram.

Emfim. . . Deus é brasileiro e patriota.

Nunca desamparou o Brasil e é possivel que tudo venha a terminar num doce mar de rosas.

De resto, para não abusar da bondade do Todo Poderoso, seria conveniente que os japoneses cá não viessem.



## Como estão hospedados os rejos visitantes



O Palácio Guanabara, onde estão hospedados SS. MM. os reis da Belgica

# Da Rainha dos Belgas

De passagem por uma localidade de Minas, onde não lhe era dado encontrar as galas e louçanias com que Bello Horizonte se enfeitara para receber os illustres hospedes, a rainha Elisabeth quiz ver o interior de uma casa mineira.

Diz um telegramma que Sua Magestade entrou assim, inesperadamente, na residencia de uma familia do lugar, tendo, com esse gesto, a visão

fiel da simplicidade de costumes e do ambiente simples dos nossos lares.

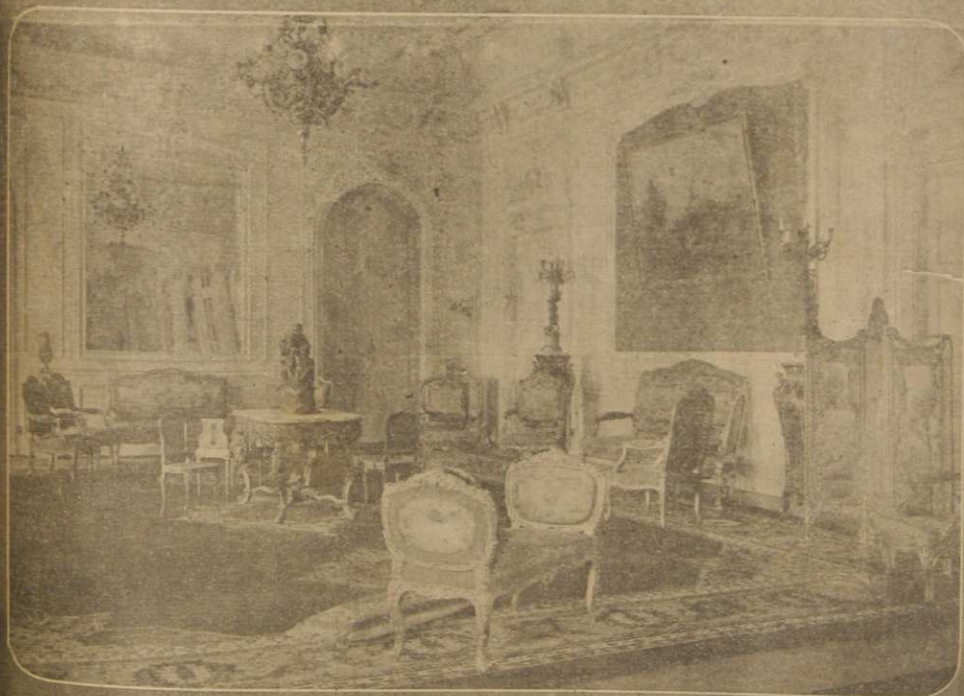
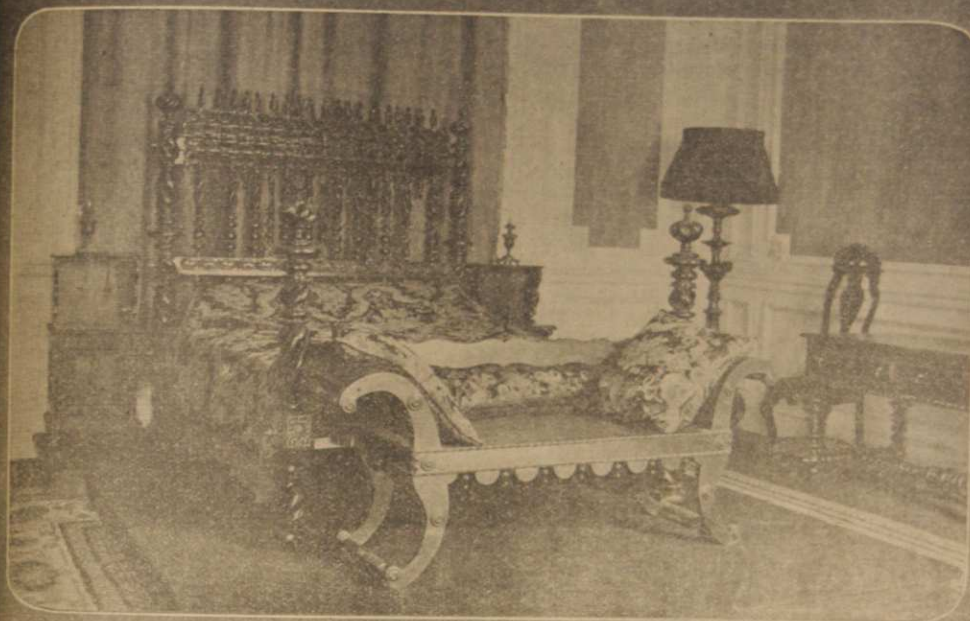
Nada nos pode ser mais grato do que a observação do espirito agudo e refinado de mulher, cujas vistas se alongaram do esplendor estonteante das cidades, onde as homenagens aos visitantes reaes culminam em pompas decorativas, para a tranquilla atmosfera, feita de virtudes domesticas e sentimentos de dadivosa hospitalidade,

de um modesto casal, que não tempo da se embandeirar e illa ao llearbrir : s portas.

O copo de leite e café de rainha Elisabeth se servio na mesa tosa, foi de certo sab por Sua Magestade como um maiores encantos da viagem.

Esse aspecto o Brasil é de não se esquecer nunca, e de mais nos honram.

# Como estão hospedados os reis da Bélgica



O quarto de dormir de S. M. o rei Alberto, no Palacio Guanabara — A sala de recepções

# Historia Catharinense

O gerico do Padre Doutor

Nunca ouviram falar do Padre doutor?

Pois eu lhes conto. Chamava-se, si não me falta a memoria, Caetano de Araujo Figueiredo Mendonça Furtado.

Era um velho sacerdote, philosopho, de genio alegre e d'alma chan e compassiva.

Fôra vigario da Lagôa e deixára seus titulos ligados ao morro, que serve de padrasto áquella freguezia, no viso do qual possuira uma casa.

Contam delle varios casos interessantes, circumscriptos a um burrico de sua estima, manteúdo, manso e sogueiro.

No ruço e paciente mû fazia o bom do velho cura seus passeios habituaes e as missões de religião e caridade relativas ao nobre sacerdocio.

Era dia de gala. . . Festejava-se uma das nossas grandes datas nacionaes.

No Largo de Palacio havia um imponente *arrumamento* (assim se chamava, nos bons tempos d'antanho, uma parada militar) de luzidas e bizarras tropas.

O Coronel commandante, tipo imponente de soldado, cavalgando animal ardego e suarento, manobrava com voz estentôrea, mostrando ao Presidente e ao mundo official, boquiabertos, seus variados conhecimentos de manejo d'armas e a firmeza e adrestramento dos milicianos, afogueados pela soalheira impenitente.

O povilhão, curioso, diante d'aquelle spectaculo sempre novo e attrahente, enchia o largo, acovelando-se numa promiscuidade irreverente, a comentar o garbo affectado e pedante do official e o tipo exótico de alguns soldados.

Eutrementes, desembocava da rua da Cadeia (hoje Tiradentes) e subia a praça a figura sympathica, ossuda, sorridente, do popular Padre doutor cavalgando o resfolegante e somnolento scolopede. O burri-chô vinha num passo fatigado, arrastando as pernas tropegas, a trocar em abano as orelhas longas,

atormentadas por importunas moscas.

Passava justamente pela rectaguarda da força, estondida em linha, quando o ostentoso Coronel tropejou a plenos pulmões:

—«Descançar, armas! . . .»

A soldadesca, insolada, rubicunda, arriou com estrepito as armas sobre o calçamento de pedra bruta. O misero asno, despertado de subito das seismas que o embalavam, deu tres valentes pinotos e um corcovo, atirando, aturdiçdo, o padre cura ao solo poeirento.

—«Pobre do sr. vigario, . . .» — bradou a multidão, correndo a soccorrel-o.

Acostou-se, tambem compungido, o Coronel a pedir-lhe mil desculpas.

—«Não, não se encomode, sr. Coronel, por amor de Deus. . .» dizia o velho philosopho, sacudindo a batina. «Não foi nada. . . Tudo isto se explica. . . O demônio deste burrinho conhece a fundo a instrução militar. . . Vossa Senhoria, sr. Coronel, mandou descancar armas e elle. . . descansou a carga. . . Eis tudo. . .»

O Coronel retirou desconcertado, enquanto a arraia meuda ria a bandeira despregada.

Uma das fraquezas humanas de que nunca se pudera libertar o Padre doutor fôra a politica.

Abraçara com ardor um dos partidos da epoca, o *Christão* e com tal extremo defenzia suas convicções que, apezar de sua proverbial bonomia, chegou a cortar relações com um medico seu vizinho e filiado ao partido adverso, o *Judeu*. Passaram-se os tempos. . .

Certa noite, por uma infelicidade de increditavel, o gerico do Padre deitou foi morrer á porta do Esculapio.

Este ao levantar-se, deparou com o estranho quadro, reconhecendo a azemula do vigario.

Julgando proposital picardia do reverendo, resolveu pedir-lhe publica satisfação.

O bom do padre ouviu com bea-

## Junta Republicana Catharinense

A Junta Republicana Catharinense, que guarda a lembrança do bello e formidavel movimento democratico, feito ha dois annos para elevar ao governo do Estado o inconfundivel vulto politico de Hercilio Luz, reuniu-se domingo passado para discutir varios assumptos de importancia e eleger sua nova directoria, que ficou assim constituída:

Presidente—Dr. Henrique Raop Junior.  
1º Vice-Presidente—Dr. Abelario Luz.  
2º Vice-Presidente—Dr. Cili Campos.  
3. Vice-Presidente e—Dr. Ferreira Lima.  
1º Secretario—Aedes Tolentino.  
2º Secretario 1º tenente R. d'Alpho Rarp.  
1 Thezoureiro—João Ferreira da Cunha.  
2º Thezoureiro—Ary Tolentino.  
1º Orador—Dr. Estanivo da Luz Pinto.  
2º Orador—Dr. Ivo d'Aquino.

Composiçdo de synbiocia: Dr. H. José Blum, capitão Flaviano Costa Couto Quirino Bentz, Anonio Coelho Pinto, gr. Oscar Kemis.

## Centenario de Itajahy

Correram com o maior brilho as festas commemorativas do centenario de Itajahy, havendo-se feito representar nellas o sr. Governador do Estado, pelos srs. Gustavo Silveira, Secretario interino da Fazenda, e 1º tenente Octavio Costa, seu ajudante de posseão.

tifica serenidade a oburgatoria do Hippocrates, e com voz mansa, pausada, viciosa, retrucou-lhe:

—«Ora, veja só que desgraça, sr. doutor. . .»

—«Bem o pobresinho do meu asno procurou o medico; mas este, que deshumano! não quiz attendel-o. . . Só de *Judeu*, só de *Judeu*. . .»

E voltou-lhe as costas.

LUCAS A. BOITEUX

Fpolis, 9—X—920.



# EXTASI

(FRAGMENTOS)

*Grupos de moças operarias pas-  
sam, dentro da luz poente. Cantam.*

Uma voz:

—Almas errantes,

Vivas, constantes:

Astros em flôr!

Trabalhae sem canção. A lida ha de ser breve.

Toda a faina do Mundo é um fardo escasso, leve se carrega o amôr.

Outra voz:

—O mundo para mim é um sonho falho.

—Almas errantes,

Almas cantantes,

filhas da lucta, irmãs pelo trabalho!

(O Poeta, em extasi, considera).

—E seguem pelo Mundo, encarando o porvir.

Das promessas da sorte, o magico adereço,

Ante seus olhos fulge:—e o bem qu'rida ha de vir!

O meu sonho é maior: esqueço-me do Mundo

para, mais livremente, amal-o!

Desço da saudade que punge ao luminoso abysmo.

Então, já feito amôr, tornado gloria, afago

o sonho. . . Scismo. . .

—desço mais fundo—

e como ronda angusta, ao meu porvir aziago,

sinto em torno de mim,

multos que já viveram,

almas que estremeceram

de amôr, junto ao meu peito. . .

## II

No espirito do povo, a evoluções sujeito,  
o tempo é quem gradua as vibrações latentes  
do velho romantismo. . .

Eu viverei sonhando. . . Alguem ha de, por fim,  
se recordar. . .

vir relembrar

os versos que eu rimei beijando-lhe na bocca. . .

(A luz bruzoleia, depois do oc-  
caso. Vem descendo o crepusculo.  
O aspecto vae perdendo as linhas...)

O Poeta:

Não me conhecem, não!

Algun pesar lhes touca

os graciosos perfis,—o dôce magnetismo

das formas sensuats. . . —

Não me conhecem mais!

E eu, sob o alvor da lua em prece, oiço-as passar

da Torre de Marfim

onde forjo a esperança

e a sonhada paizão do que é perfeito!

## Raid Rio-Buenos Aires

### Mensagem á imprensa por- tenha

A «Noite» do Rio dirigiu á «La Nacion» de Buenos Aires a seguinte mensagem, da qual é portador o commandante De Lamare:

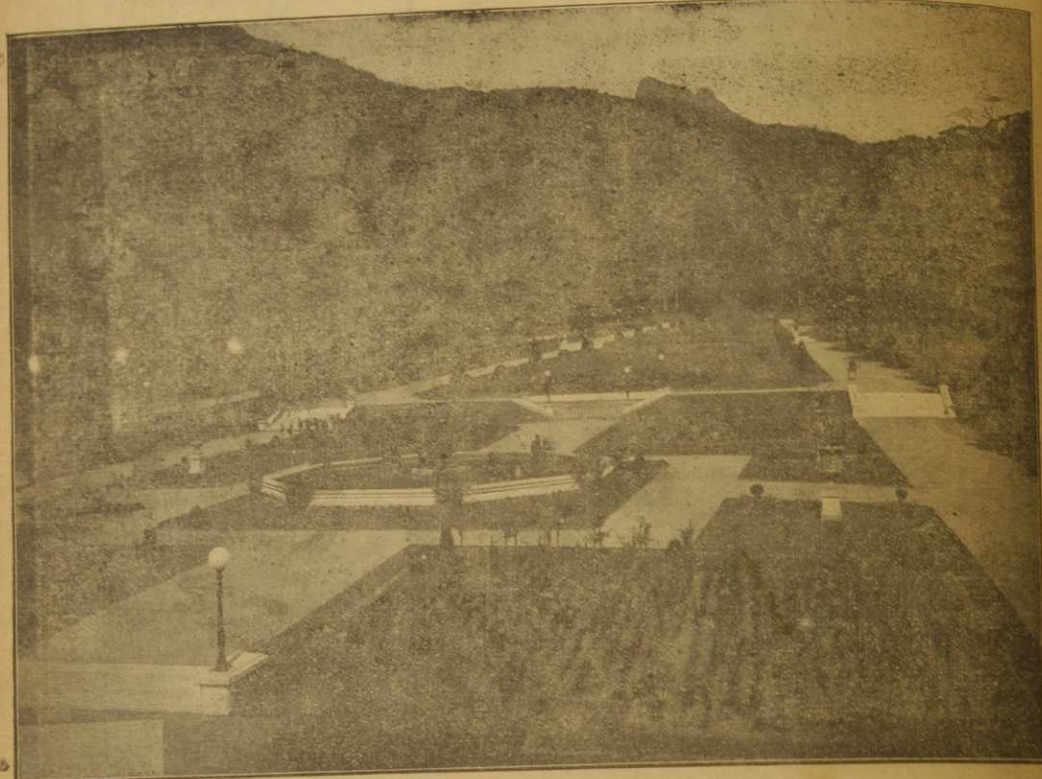
No momento em que a audacia e o entusiasmo dos nossos aviadores venceu os obstaculos das distancias e efficazmente cooperaram na mais estreita aproximação da da Argentina com o Brasil, **A Noite** sauda os collegas da Republica irmã e amiga, por intermedio de «La Nacion», com abundancia de alma, reiterando os seus votos para que, unidos como sempre, os nossos povos saibam imprimir á politica internacional sul-americana o amor ao direito e a dedicacão pelas nobres idéas, que tão bem caracterizam os paises do Novo Mundo. Missionarios das grandes idéas, a imprensa argentina receberá os nossos aviadores como nuncios dos sentimentos de fraternidade que nos animam e que nos inspiram os termos effusivos desta mensagem. Para que ella tenha os effeitos indispensaveis á grandeza sul-americana, **A Noite** conta com a cooperacão da imprensa argentina, a quem sauda effusivamente por intermedio dos illustres collegas de «La Nacion».

—O aviador De Lamare foi portador da seguinte carta do Sr. Dr. Azevedo Marques ao ministro das relações exteriores da Argentina:

«Rio de Janeiro, 4 de outubro de 1920.—Senhor ministro.—O capitão-tenente Virginius De Lamare, da Armada Brasileira, vae tentar, em hydro-avião, o **raid** Rio de Janeiro Buenos Aires e, com os votos que de coração fazemos pelo exito de sua tentativa, elle leva os que eu formulo em nome do povo brasileiro pela sempre crescente prosperidade da Nação Argentina e pela felicidade pessoal de V. Ex. —**Azevedo Marques**. A S. Ex., o Sr. Dr. Honorio Puyredon, ministro das relações exteriores e culto da Nação Argentina.



## Como estão hospedados os reis da Bélgica



O jardim de verão do Palacio Guanabara

## Revelações da Rússia vermelha

COMO FOI ASSASSINADA A FAMILIA IMPERIAL RUSSA

Gradualmente vamos conhecendo a verdade acerca dos factos que succederam nos primeiros tempos da revolução vermelha na Rússia.

O *Times*, de Londres, acabou de publicar uma autorizada e completa narração da fôrma por que a família imperial russa achou a morte nas mãos de Vonrowsky, o seu carcereiro bolsheviki, em Ekaterinburgo.

Essa narração foi confirmada em todas as suas partes por V. A. Sokolov, o magistrado que investigou os assassinatos e que, recentemente, escapou da Rússia disfarçado de aldeão.

Este relato vem desmentir todas as lendas que correram em torno da sorte do czar Nicoláo e da sua família, e confirma, desgraçadamente, a sua morte tanto mais dolorosa, quanto mais ímvel foi a fôrma por que se deu.

Diz essa narrativa que, a 22 de abril de 1918, Y. Kovlev, commissario bolsheviki e especialmente designado, chegou a Tobolsk com ordem de trasladar os prisioneiros para Ekaterinburgo. O czarevitch achava-se demasiadamente debilitado para viajar, e por isso chegou tres semanas depois que os outros membros da sua família.

O czar, a czarina e seus filhos reunidos mais uma vez, punham toda a sua fé e o carinho que continha para supportar os sofrimentos que marcavam a ultima etapa da sua peregrinação sobre a terra.

Além da família imperial formavam parte do grupo o medico, quatro camareiras, o licoio Trupp, cozinheiro H. Rintoff e o mecânico Leonid Sednew, ajudante e conpanheiro de brinquedo do czarevitch.

Uma terça-feira pela manhã, nove dias antes da chegada dos techcos Vonrowsky, o carcereiro, foi



# NA PRAÇA 15



## Um instantaneo

minou os seus planos para o assassinato da família imperial.

Dois visitantes de importância estiveram na prisão no dia marcado para a execução. Um deles era o príncipe investigador Juhas Golaschekin, o outro seu ajudante Belobarodow, presidente do soviet regional, que partiram com Yonrow-ky, tendo este regressado á noite.

Às 7 horas da noite o carcereiro deu ordens para recolher todas as armas da guarda, do que resultou apoderar-se de doze revólvers, que um tal Magam entregou.

Yonrowsky chamou o chefe da guarda e communicou-lhe o projecto: naquella mesma noite seria morta toda a família imperial, e a guarda deveria cumprir a execução, logo que para isso recebesse ordem.

Às 10 1/2 horas da noite, os assassinos foram avisados, sem que nenhum delles se oppusesse á ordem recebida. Tambem tomaram parte no assassinato mais dois homens, Pedro Ermabow e um marinheiro por nome Vaganov, ambos conhecidos por seus instinctos ferozes.

Alguns minutos depois da meia noite, Yonrow-ky dirigiu-se para os aposentos onde se achavam os membros da família imperial. Todos dormiam, mas foram despertados sob pretexto de que, por motivos imperiosos, era necessario que se puzessem immediatamente em marcha, pois que na cidade corriam perigo de vida.

Uma vez vestidos, seguiram todos Yonrow-ky, levando o czar o herdeiro nos braços. Acompanhavam a família imperial os servidores que já mencionamos. Desceram para uma cratêra que havia no andar terreo e que communicava com o primeiro andar.

Um caminhão, preparado para collocar os cadaveres, esperava na rua. Os prisioneiros ao vê-lo, julgaram que iam emprender viagem.

Passaram por um largo passadico e entraram noutra sala em que havia uma pequena janella provida de veneziana, e, por detrás desta, uma sentinela

que guardava uma metralhadora apontada para o interior da habitação.

O czar pediu que trouxessem cadeiras, e as tres que arranjaram foram occupadas pela czarina e pelo czarevitch. Em torno do grupo collocaram-se as grã-duquezas e os servidores.

Momentos depois appareceram os amigos de Yonrow-ky e os «zets» (assassinos) em numero de doze, carregando cada qual um revólver. Yonrowsky adentrou se alguns passos e, encerrando o ciz r, exclamou:

«Vossos parentes tratam de salvar-vos; não o conseguiram; de fórma que nos vem a necessidade de matar-vos».

Então os doze revólvers foram disparados a um tempo, e os prisioneiros caíram ao chão. O czar, a czarina, tres das suas filhas e o dr. Balkin, além de dois servidores, morreram instantaneamente. O czarevitch ficou ainda com vida, e, como se queixasse, Yonrowsky deu-lhe o tiro de misericórdia.

A mais moça das filhas do czar, a grã-duqueza Anastacia, sustentou uma luta ferz com o seu assassino, antes que este a matasse. A camareira, que não morreu com a primeira descarga, corria loucamente, dando

A imprensa de Florianópolis e a Companhia Cancellaria

Não podem deixar de registrar desvanecidos a solidariedade de que deram á «Terra» os brilhantes jornais desta Capital, Estado e Republica, na repulsa do desaforo cuspinhado pela Companhia Cancellaria, de obscena lembrança, contra a imprensa catharinense, através do nosso semanario.

Aos dois respeitaveis orgãos a que devemos sempre um carinho e confortante acolhimento, mais um motivo nos leva agora á expressar-lhes o nosso agradecimento, pelo apoio immediato que nos eram no repellir a affronta feita a Florianópolis e á nossa gente.

gritos, até que um dos assassinos a matou com a baioneta.

To logo o scenario mudou poucos minutos. Yonrow-ky e seus cumplidos apressaram-se em fazer desaparecer todo o teatro do crime, sabendo que a execução do Romunoff não seria approvada pelo povo.





## O que diz a imprensa argentina sobre o desporto brasileiro

São extremamente honrosas para o desporto brasileiro as palavras que a «Razon» de Buenos Avres dirigiu aos nossos foot-balls, actualmente naquella Capital.

Contrariamente ao que acontece em outros países, no Brasil os clubs de foot-ball só de selecto elemento são compostos e por isso a representação enviada ás justas internacionaes, como a de recente data, lhe dá a oportunidade de deixar perfeitamente firmado o conceito de distincção e estima em que são tidos.

Como nota gentil e altamente sympathica a representação do pais irmão tinha a adornal-a a presença de varias senhoras de mui distincta sociedade, o que lhe permittiu durante a sua estadia entre nós, tornar ainda mais estreita a aproximação entre as classes elevadas de ambos os paizes.

Completam a delegação, além das personalidades que a chefiam, um selecto conjunto de jogadores, composto, na sua totalidade, de estudantes das Universidades, empregados do alto commercio e dos bancos.

Se já entrou no pleno dominio da realidade a confraternização entre os povos dos dous paizes, tambem é de beneficio indissectivel o intercambio intellectual e commercial, que se obtem em visitas como esta. Estabeleceu-se uma profunda

ligação entre os sportsmen brasileiros e argentinos durante a sua estadia no Chile. A communhão de idéas que se evidenciou entre as duas delegações, durante os debates do Congresso Sul-Americano de Foot ball, o facto de viverem como irmãos no mesmo hotel e a admiravel correção com que as duas équipes disputaram o match que jogaram—que por esse motivo foi um dos mais gratos torneios—significam que a obra de aproximação pode ser conseguida nestas justas quando não as anima a emulação pela obtenção do triumpho a todo o transe, que em geral guia os particulares, e sim o nobre proposito da unir os povos pelos laços do mutuo conhecimento e amizade.»

### O turf em Sta. Catharina

Realizou-se terça-feira em umas das salas da Superintendencia Municipal, uma reunião para se tratar da directoria provisoria do Derby-Club Catharinense.

Na Praia Comprida, S. José, vai ser feito um grande prado de corridas, com uma pista de 1600 metros.

### O remo em Itajahy

Por occasião das festas do Centenario de Itajahy, realizadas no dia 10, foi promovida pelos clubs nauticos «Marcilio Dias» e «Almirante Barroso», daquelle cidade, uma linda festa desportiva, em que foram disputados diversos pareos.

O Club Nautico «Marcilio Dias» ganhou a taça «Centenario de Itajahy» e o «Almirante Barroso» a taça «Lauro Müller».

## A nacionalização da pesca

Um telegramma do Rio nos trouxe uma noticia interessante.

Os poveiros, pescadores portugueses, declararam que não acceitavam a naturalização brasileira, por-

que, assim, pelas leis do seu pais, ficavam impossibilitados de pescar nas costas de Portugal.

Essa, só a cacote. Com que então Portugal pôde ter leis que impeçam aos estrangeiros de pescar em suas aguas territoriais e nós aqui no

## Fragmentos da historia da musica

### A origem do bemol e tambem a do bequadro

A letra *B*, na antiga notação alphetica, attribuida a São Gregorio Magno, designava a segunda nota da escala, visto que n'aquella época a escala começava em *la*, primeiro espaço da pentagramma, com a chave de *fa* na quarta linha, e terminava em *sol*, primeiro espaço supplementar superior, com a chave de *sol* na segunda linha.

O som, que na tonalidade do contochão, correspondia a letra *B* nem sempre era o mesmo, pois que umas vezes se apresentava meio tom acima da nota inferior, produzindo *si bemol*, e outras vezes um tom, resultando *si natural*.

Ao primeiro destes dois casos chamaram, então, *b molle*, no sentido de suave, ou *b rotundum* (*b* redondo), em virtude da forma redonda que apresenta a base da letra *b*.

Ao segundo caso denominavam *b durum* (*b duro*) no sentido de aspera, e representaram-no com a base quadrada, pelo que lhe chamaram tambem *b quadratum* (*b quadrado*).

Do *b molle* ou *b rotundum* originou-se o bemol, e do *b durum* ou *b quadratum* resultou o bequadro, caracteres frequentemente empregados pela notação moderna.

A. Souza

Brasil não podemos tê-las, porque prejudica aos poveiros, impossibilitando lhes a pescaria internacional?

Em que pais estamos?

O nosso governo deve, sem desfallecimentos, manter a medida nacionalista, que importa na defesa de nossas costas, e cassar, sem contemplação, o direito da peica aos que não quiserem sujeitar-se ás leis brasileiras.

Que vão pescar em Moçambique, ou na Madeira, ou no inferno. Nanja no Brasil, que isto aqui não é a casa da sogra.



# Um discurso de Edmundo da Luz Pinto

A Edmundo da Luz Pinto, que é um bom e sincero amigo da «Terra», devemos mais uma dadiva preciosa do seu talento estremo e de esôl: o discurso que pronunciei na ultima festa do Circulo Catholico, para o qual fôra convidado como orador.

Publicamo-lo, para repartir com os nossos leitores o prazer espiri- tual que nos deu a formosa ora- ção dita por Edmundo Luz Pinto naquella solemnidade.

Exmo. e Reverendissimo Sr. Bis- po Diocesano. Minhas senhoras! Meus senhores!

Ainda estou a perguntar-me quaes os motivos que levaram o Circulo Catholico de S. José a es- colher o mais modesto orador da nossa terra para organ desta festa, a que nem falta a honra, que tanto agradecemos, da comparencia de Sua excellencia reverendissima, o Sr. Bispo Diocesano. Mas se pelo reconhecimento da minha mesma desvalia, na confusão por tanta mercê, não me acodem as razões da honrosa preferencia, sinto-me, não obstante, muito bem nesta tri- buna catholica, onde as expressões se irizam com o fulgor das convi- ções sinceras, se aquecem no calor da devoção antiga e desabrol- lam, seja nos labios do mais obs- curo interprete, toda essa floracção de verdades sublimes, que são vos- sa e minha crença, as da doutrina do Deus humanizado, cujo estu- dendo sacrificio é a apothecose da abnegação e do amor!

Nunca, em verdade, como nesta hora, a minha palavra ouviu tanto o sentimento do meu coração. Catholico desde o berço, o estudo da sciencia leiga, o contacto com os homens descrentes, o espectáculo da maldade e do egoismo, que pre- naturamente vim a conhecer na minha vida de orphão, jamais aba- lançaram, sinão fortaleceram, a mi- nha profunda convicção valiosa.

Atravessando, ás vezes, pelo co- nhecimento de certos aspectos da vida, verdadeiras charnecas do sce- pticismo, vejo sempre a brilhar, como uma luz interior, a estrella lumi-

nosa da cruz. . . Estrella que con- duzistes os magos para o sorriso do redemptor, guiae-me para a sal- vação! Derramae sobre minha con- sciencia toda vossa luz; ra hora dos meus erros, fortalecei-me a reacção pela virtude; nas occasiões de responsabilidades, inspira-me a solução salvadora; nos momentos de desanimo, dae-me, estrella do Senhor, a coragem para a lucta, o desprehendimento das compensa- ções precarias dos homens e a es- perança das eternas recompensas!

Relevae, senhores, esta evocação, tão do geito do fallar antigo. Mas, commemorando o Circulo Catholico de S. José o dia em que nume- ra o seu decenio de existencia, pa- receu-me a calhar que o seu or- dor, de começo, symbolizasse a nos- sa crença nessa estrella peregrina, estrella luminosa da cruz, luz dos vinte seculos do christianismo, com- firmacção dos seus prophetas, au- reola dos seus martyres, corôa dos seus santos, gloria dos apóstolos e dos semeadores do verbo de Deus! Unamo-nos, pois, para contempla- ção subjectiva e mysteriosa dessa estrella, estrella de Jesus do Na- zareth, para resistir ás tentações do vicio, ás seducções dos interesses mesquinhos, ás desmedidas ambi- ções do egoismo, mostrando aos fracos, aos tristes, aos infelizes que andam sem direcção, «nesta vida que tem de ser a conquista do bem pelo estímulo da imperfeição senti- da», o verdadeiro caminho, accen- dendo com a nossa luz outras luzes, para que toda a estrada se alumie e o christianismo seja a luz siderea de todas as almas! Eis a missão dos Circulos Catholicos: propa- gar a fé e unificar os crentes. Obra de organização e obra de apostolado. Para que pousamos, portanto, levar adiante a nossa ta- refa é de mister ampliarmos, dia a dia, a força do nosso espirito asso- ciativo. Fixat que converte as fra- quezas em forças, ritmo de todas as coisas bem dirigidas, a união agrupa os astros para ronda lumi- nosa dos espaços e ao homem, que isolado se aniquila, enlaça na fa- milia, aproxima na sociedade e

organiza no Estado. Sem ella todas as energias se estiolam no scepti- cismo, que é a ortiga devoradora das almas; sem ella o homem regres- saria aos soturnos tempos de que falla Hobbes, o homem barbaro de- vorando o homem barbaro, *homi- ni homini lupus*; sem ella as na- ções se rictam, acham boan do o patrimonio das suas conquistas para, rolando tragicas engransadas no voltilhão de pavorosa anarchia, se precipitarem, pouco a pouco, nos abysmos do aniquilamento. . .

Se, pois, a humanidade precisa de união para tornar a vida mais facil, claro está que «nada melhor que a religião pôde ser o laço perma- nente e infrangivel entre suas ten- dencias dissolventes, o centro com- mum e bem equilibrado, para onde podem convergir, sem receio de per- derem-se no caminho, todos os raios diversissimos da immensa periphe- ria social, assim como escreveu Montesquieu.

E nem se diga, como eu li ha dias, que o espirito religioso está a enfraquecer-se. Ao contrario. Depois de uma guerra que roubou a força de tantas patrias; uma guerra que, como disse notavel pensa- dor contemporaneo, foi «uma syn- cope nas gerações e nas estirpes, uma synalepha na evolução hu- mana»; depois e durante ao cata- clysmo de todos os terrores, o que vimos senhores? Vimos o espirito religioso renascer por sobre as ru- inas da ambição e da força! Vimos a Polonia escravizada, perseguida, que guardava no consolo da sua re- ligião a esperanza do seu salva- mento, realizar o seu sonho de pa- tria e salvar, como ha dias assigna- lou Ruy Barboza, sosinha a Euro- pa toda! Vimos as conversões mais commoventes por entre o odio dos campos de batalha! Vimos os fe- ridos, os mutilados, compararem a cruz dos seus soffrimentos á cruz do calvario e, humilhados do con- traste, disputarem o heroismo de novos sacrificios! Vimos os go- vernos atheus promovêrem e espe- rarem a palavra do Vaticano, como a do «principe da paz»! Vimos to- das essas coisas, senhores, e a rito

mais coisas vimos, para mostrarmos que, no correr da tremenda conjunctura, não nos abandonou aquelle espirito do Senhor que o evangelista nos prometeu estar com o mundo até a consumação dos seculos. . . Eis, pois, senhores do Circulo Catholico. Sô! Adeante! Continuemos a nossa missão de senear a palavra de Deus. *Semen et Verbum Dei*. Exercitios a caridade, que não é apenas a esmola, mas, sobretudo, a solidariedade humana; tenhamos benevolencia para com o nosso proximo para que não sejamos com rigor ju gados por elle, tudo como nos ensina, e não vos preciso repetir—catholicos como eu sou—aquella palavra de sermão da montanha que, com a fulguração do sol e com a força do oceano, tem atravessado todos os tempos e todas as tyrannias como a lei suprema do Bem! E quando as difficuldades nos arrefecerem o animo; e quando as decepções nos roubarem as iniciativas; e quando as ingratições nos amargarem a vida, lembremos-nos, como encorajamento, da maior das scenas da Historia, a tragedia tocante do Calvario! Olhae: braços abertos numa cruz. Da cabeça aos pés, não está apenas ferido, mas, como na phrase insuspeita de Renan, «todo o seu corpo é uma chaga viva».

Divino rei! O seu throno é uma cruz. A sua corda é uma corda de espinhos. De sceptos, deram lhe, pormofa, uma canna verde. . .

Vede: braços pregados na cruz. Pediu agua e deram-lhe fêl; e ouve a grita do aleijado, a quem já dera pernas; e ouve a injuria do cego, a quem concedera vista; e ouve a chufa, o remoque, a surriada de toda multidão que elle salvara!

Mas, depois de ter semeado o bem na terra, que ainda na hora extrema no coração do bom ladrão fructificava, expira placido Jesus Christo, o homem Deus, entregando nas mãos do pae celestial, donde viera, o seu espirito e rogando perdão para todos os homens! Assim possamos nós, miseros peccadores, nas horas de fraqueza, de odio e de imperfeições, aprender e seguir esta lição, todas, a maior de vereda da verdade eterna, escola da redempção, exemplo do amor, modelo da resignação, symbolo do heroismo, caminho glorioso de Deus!

## A chancellia da Companhia Cancellia

Não podendo comprehender como numa capital de Estado se exhiba no theatro municipal um magote de farçantes com a pouposu designação de Companhia Theatral, «Terra», em nome do pudôr das familias de Florianopolis, profliguo, em seu numero passado, as obscenidades e trocadilhos tresandantes a fartumo de taverna, babujados pela «troupe» Cancellia, durante varias noites, á face da nossa plateia.

E o fizemos com energia, embora não classificassemos, como merecia, a desfagatex de alguns dos comicos, que se não pejararam de pronunciar em publico os mais desalinhavados palavrões, com o proposito de condimentar com guano a dissoluta chanchafa theatral ser vida aos espectadores com o nome de revista.

Em represalia, a Companhia Cancellia esperou pela ultima noite de espectáculo para vedar o ingresso do reporter da «Terra», que ia munido da «permanente» que nos fôra enviada.

Isso terça-feira.

Quarta-feira a Companhia arrumou a traquitana, embarcou ás onze horas, e, não contente da surrateira perfidia da vespera, encarregou algueme de collocar ás escondidas na caixa de nossa correspondencia o ultimo numero da «Terra», com a nota que lhe era referente emporealhada de um modo soez e vilão.

E dessa maneira a Companhia Cancellia deixou registrada a sua propria chancellia, que outra não podia ser mais de accordo com a qualidade de seu repertorio e expressão do seu valor artistico.

Foi uma excreção necessaria e incoercivel espirrada da massa encephalica de quem a produziu.

E tão torpe foi a represalia, que a ella não nos referiríamos se não representasse um insulto á imprensa catharinense e á gente de Florianopolis, aos quais aquelle cantão de despedidas, brazonado com a insignia da Companhia Cancellia, foi um labéo digno de um correctivo policial.

## Recepção ao senador Vidal Ramos

Ao sr. senador Vidal Ramos foi feita, á sua chegada em Lages, uma brilhante manifestação, sendo s. ex. saudado em nome do povo lageano pelo sr. Cordova Passos.

Durante a noite no theatro municipal daquella cidade foi offerecida uma festa ao illustre politico, falando os srs. Paulo Setubal e Candido Ramos.

O sr. Hercilio Luz, governador do Estado, passou, por aquelle, motivo ao sr. senador Vidal Ramos o seguinte telegramma:

«Florianopolis, 10.

Agradeço a sua communicação de haver chegado bem e felicito-o pelas homenagens recebidas merecidamente de seus conterraneos.

Penhorou-me o saber que o povo lageano, de que guardo as mais carinhosas recordações desde o meu tempo de moço, associou meu nome ás aclamações com que recebeu o meu illustre amigo.

Faço votos para que com d. Therezinha e todos os seus continue gosando saude e cercado da estima á que faz jús pelas suas qualidades de caracter e coração.

Abraços».

Mas isso é, por outro lado, uma lieção que nos ensina a receber, como merecem, certas companhias que nos têm sido impingidas aqui, para abusar da nossa hospitalidade e da moral publica, expellindo pela bocca de labregos e gaifoneiras, guindadas aos tacões de artistas, o corrimento furuncular da mais charra obscenidade.

Defendamos, pois, o nosso palco das chaucas desses escaravelhos da arte theatral, que, não contentes de lambiscar a cenosidade rebalsada nas tavernas, vêm ainda vomita-la deante do publico e da imprensa.



## Porque vivemos a emitir papel-moeda

Noventa por cento dos lucros líquidos da actividade commercial, dividendos de bancos e companhias nacionais e estrangeiras não ficam no paiz, não nos pertencem. O imposto de 5% sobre esses lucros líquidos e sobre esses dividendos, a favor do Thesouro, é razoavel e sensato.

O que não se explica é a inercia dos poderes publicos, governo e Congresso, ante a crise que nos está correndo e que nos pôde levar á situação do Egypto.

Serzedello Corrêa («A crise». Artigo publicado no «Correio da Manhã» de 14 de Agosto de 1916.

No entanto, ninguem pôde saber de Portugal para o estrangeiro, levando consigo mais de trinta mil réis em moeda papel!

Só a casa Sotto Mayor & Cia. do Rio de Janeiro, (que não admitta brasileiros como seus empregados) enviou para Portugal, em 1919, perto de oitocentos contos de réis!!

Não é de estranhar, deante disto, que o governo tenha difficuldades em solver os compromissos financeiros do pais.

## Companhia Eduardo Pereira

Deverá chegar no dia 24 a esta Capital a companhia dramatica Eduardo Pereira, que dará oito espectaculos de assignatura, que já se acha aberta.

Circulou o 1º numero da revista mensal «Pharmacologo» publicada sob a direcção do sr. pharmaceutico Heitor Luz.

Embora dedicada exclusivamente á profissão pharmaceutica, a respeito da qual traz observações eruditas e valiosas, é uma publicação que traz notas de muita utilidade sobre assumptos de hygiene, ao alcance de todos.

«Pharmacologo» honra a nossa cultura e a nossa imprensa.

# Rua!

Segundo nos informa um telegramma da Agencia Americana publicado na «Republica», seguiram expulsoes, a bordo do «Avon» os portugueses Pereira Junior, Antonio Lemos, Coelho Gomes, Herculano Corrêa e Manoel Patricio.

Esses individuos fazi m abertamente prop g.nda contra os homens e as cous s do Brasil, insult ndo-os com os m iores des.ãforos.

## Um conto de vigario

O comico Danilo de Oliveira da Companhia Cancellã vã e m um par de sapatos

Danilo de Oliveira, comico da Companhia Cancellã, que zarpou terça-feira ultima para Curityba, foi á casa commercial do sr. Athanzio, á praça 15 de Novembro, e propôs-lhe fazer no palco um annuncio de quella casa, apresentando-se com um par de sapatos fornecido para aquelle commerciante, afim de fazer o reclamo deante da plateia.

Accepta a proposta sahio o camelot theatral sobre o palco os sapatos, no valor de 50\$000.

Não havendo cumprido a promessa, o sr. Athanzio procurou-o, desculpando-se D não ter realiz do o reclamo e prometendo restituir o calçado.

Como o não tivesse feito até o dia da partida, apesar de mais de um pedido de aquelle negociante, deu este queixa á policia, que já telegraphou para Dajahy e Curityba, afim de ser aprehendido o objecto «substituto» pela esperteza de Danilo. Que ave... de arribação!

No proximo numero daremos as soluções das charadas publicadas, durante para o torneio de Setembro, conferindo o premio que promettemos ao melhor solucionista.

## A incorporação da «Garantia da Amazonia» á «Previsora»

Acaba de ser definitivamente resolvido, e em condições honrosas para nós, riograndenses, o caso da «Garantia da Amazonia», que teve tão larga repercussão em todo paiz.

Pelo decreto n.º 14,379, de 25 do corrente, o Sr. Presidente da Republica approvou a incorporação de todo o acervo da «Garantia da Amazonia» á «Previsora Rio-Grandense», Companhia de Seguros com sede nesta Capital.

O valor dessa operação, que se eleva a milhares de contos de réis, dispensa salientar o alto grão de prosperidade a que attingiu a «Previsora Rio Grandense», dilatando a sua esfera de acção para todos os Estados do Brasil, onde são numerosos os segurados da «Garantia da Amazonia».

Foi esta Companhia riograndense, com capitães riograndenses e administrada pelos Srs. Albano Issler e Antonio Ribeiro de Lemos, ambos riograndenses, que conseguiram evitar que os segurados da «Garantia da Amazonia» fossem sacrificados a uma liquidção desastrosa, e que neste momento realisa a incorporação para pagar, integralmente, os peculios que cabem a numerosas viúvas e orphãos em todo Brasil.

E' de inteira justiça salientar que, si é certo que realisando a incorporação do acervo da «Garantia da Amazonia» á «Previsora Rio Grandense» fez um excellent negocio que a elevou ao primeiro plano das Companhias Nacionaes de Seguros de Vida, não deixa tambem de ser exacto que ella praticou um gesto de alta significação moral, amparando os interesses dessas indefesas viúvas e orphãos.

Por isso, temos como riograndenses o maximo prazer em registrar o brilhante exito dessa importante operação, que, ao mesmo tempo, elevou uma das nossas Companhias á mais invejavel situação financeira e deu ensejo a que do nosso Estado parisssem os elementos de defesa á instituição do Seguro de Vida e aos direitos de tantos segurados.

O exito dessa operação justifica a brilhante evidencia em que está o Sr. Albano Issler, director geral da «Previsora Rio Grandense», cuja experimentada administração assegurou o completo triumpho dessa poderosa Companhia.

(D' «A Federação», de Porto Alegre, de 26 de Setembro.)

## Anniversarios

Fazem annos hoje: s. honrita Otillia Sohn; exma. sra. d. Julieta Silveira de Britto.

Amanhã: a exma. sra. d. Maria Augusta Couto.

A 19: as exmas. sras. d. Adolphina Silva Wendussen e Candida Taubois; os srs. Nilo Noceti e Pedro Goulart

Dr. Edmundo Luz Pinto

Advogado

Rua do Rosario

n. 159

1.º ANDAR

RIO DE JANEIRO

Constantino Garofallis & Cia.

Commissões, Consignações e Conta Propria

Endereço Telegraphico—GAROFALLIS

Codigos: A. B. C. 5º Ed. melhorada, Ribeiro, Borges e particular

CAIXA POSTAL N. 6

FLORIANOPOLIS—SANTA CATHARINA

EXPORTAÇÃO DE:

Café, farinha de Mandioca, Arroz, Batatas, Banha, Feijão e outros productos do Estado

IMPORTAÇÃO DE:

Vinhos do Porto, Conservas, Xarque, Sal e Farinha de trigo das acreditadas marcas Favorita, Cruzeiro, Lili, Goldmedal, Surpreza, Claudia e Rio Branco

*Unicos depositarios n'esta Capital da afamada agua de mesa «Club Sôda», em todo o Estado da saborosa Cerveja «Mineira»*

Salão Sepitiba

Especialidade em côrtes de cabelo á inglesa—Massagens vibratorias electricas

Grande stock de perfumarias nacionaes e estrangeiras. Extractos, loções, brilhantinas, crèmes, sabonetes, pó de arroz, etc. dos melhores fabricantes francezes e ingleses

—Sortimento de objectos para toilette—

Gravatas e collarinhos da afamada marca «Hercilio Luz»

Rua Tiradentes n. 10

ESCRITORIO COMMERCIAL

Acceita e encarrega-se de qualquer cobrança commercial ou particular.

Encaminha ações civeis ou criminaes.

Prepara em 24 horas todos os papeis para casamentos em quaisquer dos casos previstos pelo Codigo Civil.

Faz todo e qualquer despacho de importação e exportação, despachos maritimos etc.

Encarrega-se de serviços em Repartições publicas, recebe vencimentos etc.

Faz distribuir encarrega-se de serviço de convites para festas, bailes, enterros, etc.

Todo e qualquer negocio deve ser tratado no Escritorio das 9 ás 16 horas, na rua Visconde de Ouro Preto n. 1—onde está instalada a Redacção da "TERRA"

Dr. Alfredo da Luz

E

Dr. Gilberto Paranhos

— ADVOGADOS —

Escreitorios em

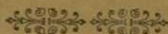
FLORIANOPOLIS BLUMENAU

e

RIO DE JANEIRO

(Avenida Rio Branco n. 56)

1º ANDAR



Empreza Garcia

— «0» —

Fiação

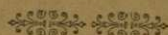
Tecelagem

Fundição

Marcenaria

BLUMENAU

— S. Catharina —



Hering e Cia.

— Fiação e Tecelagem —

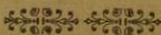
**FABRICA**

**de tecidos**

**de meia**

**Blumenau**

**Santa Catharina**



Gustavo Salinger & Cia.

— Importação e Exportação —

Productos

catharinenses

— Artigos Estrangeiros —

— «0» —

BLUMENAU — Santa Catharina



# Hyppolito Boiteux & Cia.

Completo sortimen-  
to de fazendas,  
armazinha, terra-  
gens, louças dro-  
gas, cal e a d os,  
chapéus, papela-  
ria, tinta, alics,  
vernos e molha-  
dos

Exportadores de  
madeiras, açúcar,  
café, farinha de  
mandioca e ce-  
reais

Comissões e  
Consignações

Rua Coronel  
Henrique Boiteux

Rua Guarda  
Marinha Marti-  
nelli 2



Endereço Telegraphico: "BOITEUX"

## Nova Trento S. Catharina

### Officina photographica e de gravura

Acha-se funcionando, na *Republica*, a officina  
photographica e de photogravura

Attende-se ali a qualquer chamado e recommenda com toda a presteza  
Especialidade em reportagens photographicas e *clichés*

# Preços modicos

## Cliché minimo 5\$000

Centimetro 100 réis



# EDUARDO HORN

SANTA CATHARINA—BRASIL

**Matriz**—Florianopolis

Caixas Postaes 39 e 40

**Filial**—Laguna

Caixa Postal

Cods.: A B C 5ª. Ed., Ribeiro (Two in one), Borges, Particulares.  
End. Electr.: *Trigo*

## COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

**Importação**—vinhos, sel, farinha de trigo, phosphoros, azeites, xarqué, louças, ferragens, assucar, sardinhas, soda caustica, canella, papel, etc. etc.

**Exportação**—farinha de mandioca, polvilho tapioca, arroz, assucar, feijão, banha, café, frutas verdes, couros seccos, cera d'abelhas, crina animal, etc., etc.

AGENTES—Pereira Carneiro & C. Ltd. (Companhia Commercio e Navegação), Gomes Ribeiro & Bastos, Empresa de Navegação L. Carsoglio & C.—(Moinhos Santa Lucia, Bahía Blanca, Pahuajó, Santa Cruz)—Waltee & C. Material de toda especie para extincção de incendios—Machinas de desinfecção «Clayton».

Agentes em todas as principaes cidades do mundo

## João Grumichè

Architecto constructor

*Encarrega-se de quaesquer*

*construcções no Estado*

Escriptorio

Praia Comprida

## S. JOSE'

# FALCHI

São os melhores

## BONBONS

E

## CHOCOLATES

# Hoepcke, Irmão & Cia.

SANTA CATHARINA

Endereço telegraphico:

HOEPCKE

Codigos

A B C 4 e 5 Ed.—Ribeiro  
Watkins.—Carlowitz

Matriz: Florianopolis

Filial: São Francisco

Correspondentes em Lages e na Laguna

*Importadores de:*

Fazendas e armarinho, Ferragens, Generos de estiva

## SECÇÃO DE MACHINAS

Representantes de:

General Electric Company, Schenectady, N. Y.  
Vacuum Oil Company, Rochester  
The Studebaker Corporation of America  
Companhia S K F do Brasil

Proprietarios:

da Fabrica de Pontas de Paris «Rita Maria»  
da Fabrica de Renda e Bordados «Hoepcke»  
da Fabrica de Arame Farpado e de Grampos para cerca  
da Empresa Nacional de Navegação «Hoepcke»  
do Estaleiro «Aralaca»  
da Fabrica de Gelo.